

A "salvação nacional" foi por água abaixo.

O facto da "salvação nacional" não ter sido possível confirma as nossas afirmações de que a nossa situação política não tem salvação possível.

A moagem contra os consumidores

O pão é há alguns anos o assunto de quasi todos os dias. Os protestos dos consumidores ouvem-se a todos os momentos e em todas as partes. Os governos que até à data tem existido, não deixavam de decretar sobre o pão. Conhecem-se os resultados: a cada decreto piora de qualidade e aumenta de preço.

Agora o sr. Abóim Inglês vindo ao encontro da vontade proletária vai pôr em execução, brevemente, o tipo único de pão. Ficará assim a questão resolvida? Diz o ministro que sim, dizemos nós que não. Esta importante questão está muito embaraçada e não será o pedacinho de papel em que o sr. Abóim Inglês irá patenear a sua perspicácia ministerial que a desembrulhará. Nem nenhum ministro, por mais Abóim Inglês que ele seja, a poderá resolver com um decreto. Seria necessário para isso que os ministros se arrogassem a coragem de atacar as bases morais e económicas da moderna barbúria social.

O tipo único de pão vai ser vendido a 800 centavos e para que o seu preço não seja ainda menos acessível às posses dos consumidores é indispensável que o Estado perca cotidianamente uma quantia importante, que o câmbio suba, a moeda se desvalorize e seja agravado ainda mais o custo de alguns artigos de primeira necessidade.

O mal está na moagem e nos lavradores. Para o debelar seria necessário atacá-los de frente, energeticamente. Em que partido, em que ponto do país existirá o homem que, chegando a ministro, os venha combater aplicando as medidas radicais e necessárias para debelar esses dois males? Afirmações, sem recear que os desmintam a inexistência desse homem.

No entanto, vamos indicar as medidas que sendo aplicadas poderiam resolver a questão do pão, a fim de que se não diga que aqui se faz oposição sistemática e se não indicam soluções.

A indústria da moagem, pela maneira como ela está organizada, prejudica o Estado e prejudica o povo, sendo, como é, parasitária de ambos.

Há demasiadas fábricas de moagem, porque a perspectiva dum negócio certo e rendoso entusiasma muitos dos nossos tamosos e patrióticos capitalistas. Essas fábricas não podem manter-se, porque não tem a farinha necessária para a sua laboração permanente. Seria portanto natural que esses capitalistas liquidassem as que não tem uma função a justificar a sua permanência. Assim não pensam e continuam com elas em laboração.

Inventou-se para os salvar uma taxa de catorze centavos para cada quilo de pão, contribuindo assim para o seu encarecimento.

Ficam assim, garantindo-se com essa taxa exorbitante, explorando eficazmente, sem apouqueações, sacrificando o Estado e os consumidores.

Diminuindo o número dessas fábricas, diminuiria imediatamente a taxa da moagem e o pão desceria inevitavelmente de preço.

Mas, não pensam assim os senhores da hora: Em vez de se reduzirem o número das fábricas ele vai aumentar. Espera-se para breve o aparecimento de outras empresas moageiras.

Nessa altura a concorrência aumenta de tal maneira que a moagem, devido aos ruidosos e justificados protestos dos consumidores, vendo o perigo, procurará salvar-se, agarrando pelos cabelos o projecto de nacionalização da moagem do dr. sr. João Luís Ricardo.

Se de facto o Estado aceitasse a compra das moagens, ou vinha a prejudicar os consumidores, agravando o pão, com uma taxa elevada ou perderia alguns milhares de contos, vendendo para suenta o material das que ele seria forçado a fechar.

Veremos mais tarde se as manobras da moagem serão reprimidas pelo Estado ou se ele se prestará a salvar a moagem das consequências dos seus próprios erros.

A moagem não pode lançar-se num recurso salvador porque já esgotou todos os que possuía.

A falsificação do pão é actualmente exercida por ela da forma mais exaustiva, que bate o record das mixórdias que os consumidores impelidos pelas circunstâncias ingeream.

Os lavradores contribuem formidavelmente para este actual e péssimo estado de coisas. Limitam a produção do trigo, provocando o deficit, para arrancarem lucros fabulosos.

Seria necessário para que o pão diminuísse de preço, que se intensificasse a produção do trigo.

Isso não convém aos lavradores que esperam arrancar lucros, parasitando, do que obter benefícios lucrativos, trabalhando.

Repetimos a pergunta neste artigo formulada:

Em que partido, em que ponto do país existirá o homem que, subindo ou descendo a ministro, meta na ordem os lavradores e os moageiros?

Esse homem não aparecerá, e o embaratecimento do pão só se realizará no dia em que acção directa e energica dos consumidores, force esses parasitas antropófagos a encolher as garras e a tomar juizo.

C. G. T.

Comissão organizadora da conferência ferroviária

Volta hoje de novo a reunir, às 20 horas, a comissão organizadora da Conferência Inter-Sindical Ferroviária, sendo indispensável a comparecência de todos os seus membros e bem assim os delegados que foram à linha.

Comité Confederal

Amanhã reúnem os membros do Comité Confederal, às 21 horas precisas, junto com o Conselho Jurídico.

Trabalhadores: Difundir A BATALHA e fazer obra revolucionária.

A questão do pão

O ministro da agricultura esteve ontem trabalhando com o commissário geral dos abastecimentos, delegado dos abastecimentos do norte e commissário distrital dos abastecimentos de Beja, na redacção do diploma relativo ao tipo único de pão cujo fabrico em todo o país deverá começar no próximo dia 15.

O momento político

Adeus, "salvação pública"!

O dr. Magalhães Lima confessa a "Batalha" a sua descrença na regeneração nacional

O velho democrata volta à sua torre de marfim

Procurámos ontem o dr. sr. Magalhães Lima. Desejávamos saber novidades acerca do tal movimento de salvação pública.

Encontrámos o velho democrata bastante abatido, profundamente desiludido dos homens da república.

O dr. sr. Magalhães Lima acolheu-nos, como sempre, amavelmente.

—Então, que temos a respeito do tal ministério de salvação pública?—preguntámos de chocho.

O nosso entrevistado teve um gesto de desânimo e disse tristemente:

—Ai, meu bom amigo, estou muito desiludido. Deturpam-me as puras intenções. Não viram nas minhas demarches o meu profundo amor ao país. Imagine que cheguei a receber cartas anónimas, perguntando-me se não tinha vergonha de me rodear de certos indivíduos... Eu não ligo importância às cartas anónimas. Cito-lhas, como exemplo de desmoralização.

A comissão que devia elaborar o programa de salvação nacional desfz-se porque os seus elementos eram heterogêneos

Houve um silêncio longo. O nosso interlocutor, olhou demoradamente uns papéis que tinha sobre a larga banca de trabalho.

—E a comissão, a tal comissão que devia levar a efeito a tal manifestação nacional?—interrogámos de súbito.

—A comissão?—fez o dr. Magalhães Lima num gesto doloroso.—A comissão, que era constituída pelo dr. sr. José de Castro, dr. António Luís Gomes, dr. Jaime Cortesão, dr. João de Deus Ramos, dr. Leonardo Coimbra, dr. Ramada Curto, coronel Sá Cardoso e outros, desfz-se, encarregando-me de organizar outra.

O dr. sr. Jaime Cortesão também entrava de facto nessa comissão?—interrogámos.

—O seu nome estava indicado—responden-nos o nosso entrevistado—mas como ele tem estado fora, só regressando amanhã, desconheço a sua opinião.

—Mas porque motivo se dissolver a comissão?—interrogámos.

O dr. Magalhães Lima teve novo gesto de desânimo:

—Porque os seus elementos eram heterogêneos. Isto é um país decadente, ninguém se entende. Todos se guerreiam. Depois os partidos, as igrejas, os interesses pessoais, impedem qualquer acção nobre e elevada.

—Meu caro, repito-lho: estou muito desiludido. Ao fim de cinquenta anos de propaganda de princípios é este um dos golpes mais profundos que tenho recebido. Não descreio das minhas ideias, mas descreio dos homens.

—E antes desta tentativa de ressurreição nacional?

O momento político

Adeus, "salvação pública"!

O dr. Magalhães Lima confessa a "Batalha" a sua descrença na regeneração nacional

O velho democrata volta à sua torre de marfim

Procurámos ontem o dr. sr. Magalhães Lima. Desejávamos saber novidades acerca do tal movimento de salvação pública.

Encontrámos o velho democrata bastante abatido, profundamente desiludido dos homens da república.

O dr. sr. Magalhães Lima acolheu-nos, como sempre, amavelmente.

—Então, que temos a respeito do tal ministério de salvação pública?—preguntámos de chocho.

O nosso entrevistado teve um gesto de desânimo e disse tristemente:

—Ai, meu bom amigo, estou muito desiludido. Deturpam-me as puras intenções. Não viram nas minhas demarches o meu profundo amor ao país. Imagine que cheguei a receber cartas anónimas, perguntando-me se não tinha vergonha de me rodear de certos indivíduos... Eu não ligo importância às cartas anónimas. Cito-lhas, como exemplo de desmoralização.

A comissão que devia elaborar o programa de salvação nacional desfz-se porque os seus elementos eram heterogêneos

Houve um silêncio longo. O nosso interlocutor, olhou demoradamente uns papéis que tinha sobre a larga banca de trabalho.

—E a comissão, a tal comissão que devia levar a efeito a tal manifestação nacional?—interrogámos de súbito.

—A comissão?—fez o dr. Magalhães Lima num gesto doloroso.—A comissão, que era constituída pelo dr. sr. José de Castro, dr. António Luís Gomes, dr. Jaime Cortesão, dr. João de Deus Ramos, dr. Leonardo Coimbra, dr. Ramada Curto, coronel Sá Cardoso e outros, desfz-se, encarregando-me de organizar outra.

O dr. sr. Jaime Cortesão também entrava de facto nessa comissão?—interrogámos.

—O seu nome estava indicado—responden-nos o nosso entrevistado—mas como ele tem estado fora, só regressando amanhã, desconheço a sua opinião.

—Mas porque motivo se dissolver a comissão?—interrogámos.

O dr. Magalhães Lima teve novo gesto de desânimo:

—Porque os seus elementos eram heterogêneos. Isto é um país decadente, ninguém se entende. Todos se guerreiam. Depois os partidos, as igrejas, os interesses pessoais, impedem qualquer acção nobre e elevada.

—Meu caro, repito-lho: estou muito desiludido. Ao fim de cinquenta anos de propaganda de princípios é este um dos golpes mais profundos que tenho recebido. Não descreio das minhas ideias, mas descreio dos homens.

—E antes desta tentativa de ressurreição nacional?

Rebeldias

Emília da Purificação, que eu deliberar apresentar hoje aos leitores e possivelmente às leitoras, foi uma rapariga duplamente desditosa.

A sua dupla desdita cifra-se em ela se criada de servir e ter servido um patrão cujas virtudes mereciam ser postas em hino e executadas a compasso... de cateia.

Pois foi em casa desse patrão que ela inadvertidamente, ao limpar a secretaria, sujou-a, entornando quasi toda a tinta dum interessante tinturino.

A senhora pertencente ao duas vezes já citado patrão, estava no seu estado interessante, tam interessante que, longe de se desinteressar desse acidente imprevisível e banal, se indignou, medonhamente. Ao chamar-lhe o monstro a Emília da Purificação tendo certamente compreendido mal replicou-lhe que "mostro" na sua terra se chama a uma coisa que vem no vinho.

A senhora pensou que a tinta entornada era um mau preságio. Comunicou-o ao marido. Este avançou para a criada com um claro de odio no olhar, dizendo-lhe que ela seria responsável pelos resultados do próximo parto da senhora.

Se o menino nascesse loiro mas marreco a pobresinha era responsável pela corveta do recém-nascido.

Se ele nascesse com quatro olhos, com as pernas reviradas e com o rosto para as costas, Emília da Purificação era autora da medonha desgraça da menina. Nascendo o filho e morrendo a mãe, Emília da Purificação era a sua assassina. Vivendo a mãe, mas morrendo o menino a criadilha seria castigada por essa feia acção.

Mais lhe obtemperou que ela pouco era para gragas e lhe daria muitos pancadões.

Ainda não contente com isso, teve a ideia altamente fraternal de manter, quinze dias, em cárcere privado, a Emília da Purificação, cuja história acaba de vos contar, teria um ponto final mais trágico, se os parentes a não fossem libertar.

De como um simples tinturino que se entorna, se pode entornar a paciência do burguez e caso para espantar os que ignoram a esquisita mentalidade da classe a que ele pertence.

Cristiano LIMA.

Os hospitais civis

chegaram a um estado desastroso

O director proíbe a entrada a um jornalista para que não sejam revelados os seus graves erros de administração

Foi proibida a entrada em todos os hospitais civis a um redactor do *Século*, que, na edição da noite, vinha tratando da sua calamitosa situação, pondo em relevo os erros e defeitos de que enfermavam aqueles estabelecimentos de assistência.

E' uma afronta à classe jornalística! A *Batalha*, órgão dos trabalhadores, não pode de forma alguma ver com bons olhos o gesto autocrático do dr. Hernando de Medeiros, o director dos hospitais que, em vez de procurar fazer boa administração, desce a proibir a entrada naquelas casas de saúde a um jornalista que ali na sua missão nobre de informar o publico do estado desastroso a que chegaram os hospitais civis.

O dr. Hernando de Medeiros tem medo de que se ponham a descoberto as mazelas e os pó-dres daquela casa. O director dos hospitais receia que se traga a terreiro a sua péssima administração, em que se tem esbanjado o dinheiro dos pobres na aquisição de objectos de luxo, deixando os desgraçados doentes em enfermarias infectas e insalubres, quasi passando fome, com falta de medicamentos e de roupas lavadas para as camas.

O pessoal de enfermagem vive em aposentos sem condições algumas de higiene. Os percevejos são aos cardumes. Chegam a dormir cinco enfermeiras num quarto de acanhadas dimensões! A comida que lhes dão—e claro pagam—é detestável!

Pois o dr. Hernando de Medeiros, o director dos hospitais, não quer que o nosso colega entre ali para que não venha, depois, contar o que lá se passa.

Mas, ainda há muitos jornalistas a quem a entrada ainda não foi proibida e, portanto, todos nós estaremos prontos a ir ver e a relatar as coisas espantosas que ali se dão e a que o *Século* da noite se tem referido já.

O momento internacional

NA FRANÇA

A greve do norte

Começou o Exodo das crianças.

Começou no dia 3 do corrente o exodo dos filhos d's grevistas do norte da França. Em número de cinquenta partiram para Lille as primeiras crianças de Roubaix, Tourcoing e Lanoy, acompanhadas de seus pais e de grande multidão.

A greve da Construção civil de Paris.

O comité de greve da construção civil de Paris, fez a seguinte declaração: «Temos a declarar que o nosso movimento tem hoje um fim essencialmente corporativo. Para nós, era preciso responder ao desafio do patronato, que recusou discutir as nossas reivindicações, e não a única razão. Para nós, para todos os militantes dos sindicatos interessados, é uma questão que reveste uma grande importância. Por toda a parte, os patrões, para semearem a confusão, dizem que a nossa potência não existia. É preciso responder a isso e por estas razões: marcamos a nossa posição, ver-se-ão os operários estarem conosco ou contra nós, e o meio de sabê-lo era a greve.

Nos temos hoje a alegria de dizer que a nossa força sindical está viva, porque a grande maioria do elemento operário cumpriu o seu dever, e isso permite-nos esperar ainda mais para o futuro, e ao mesmo tempo obrigará o patronato a refrear o seu orgulho. Se fazemos esta declaração, é porque entendemos que o nosso movimento não pode ser de longa duração, pois que correspondem às nossas esperanças.

André Marty eleito por Paris.

Foi eleito pelo círculo de Charonne por 4564 votos e contra 1643 para o vencedor da câmara de Paris. André Marty,

NA ESPANHA

Angelo Pestana condenado

Foi condenado pelo tribunal de Barcelona a pena dum ano, oito meses e um dia de prisão correccional e mais 250 pesetas de multa o conhecido militante sindicalista Angelo Pestana por um artigo publicado na *Solidariedade Obrera*.

NA RUSSIA

Impressões da Isadora Duncan sobre a Rússia

Isadora Duncan enviou de Moscôvia ao *Daily Herald* de Londres um telegrama do qual vamos recortar alguns períodos:

«Pela primeira vez na minha vida, posso estender os braços a respirar,

A BORDO DO "LUTETIA"

As proesas do patriota Piliura

Chegaram a Lisboa 180 judeus ucranianos que se destinam à Argentina

A bordo do "Lutetia" chegaram a Lisboa 180 judeus ucranianos que se dirigem para a Argentina, fugidos às perseguições do general Petliura.

A colónia israelita, supondo que se tratava exclusivamente de crianças, tentava realizar um passeio pela cidade e uma pequena festa na sinagoga da rua Alexandre Herculano. Mas como o "Lutetia" se demorava poucas horas neste porto resolveram enviar para bordo certos com frutos verdes e secos e postais com aspectos da cidade. Além disso foram-nos visitar membros da colónia.

Segundo as declarações de alguns, esses 180 judeus ucranianos viram-se forçados a abandonar os seus lares e até os seus bens, para fugir às perseguições do general Petliura, comandante do chamado "exercito verde" que pretende realizar a independência da Ucrânia. Dizem também que os boicotes, visitas, núpcias exerceram contra eles numerosas perseguições, tendo os seus pais poupadou.

NO CONGRESSO PAN-AFRICANO PELA EMANCIPAÇÃO DA RACA NEGRA

"Desejamos — diz Du Bois — interessar na nossa causa os trabalhadores de todo o mundo"

Na segunda parte da sessão da noite do dia 4, em Paris, Mr. Brughard Du Bois continuando no uso da palavra manifestou o seu desagrado pela orientação que se tem pretendido dar às resoluções do congresso, afastando-o dos elevados fins para que foi convocado.

Refiriu-se a Mr. Markus Garvey, que tem sido violentamente atacado por vários congressistas, explica as características do movimento que este dirige.

"É um movimento, relativamente recente — afirma Mr. Du Bois — e baseado no incremento que ultimamente tem tido na efervescência produzida nas Antilhas inglesas depois da catástrofe da guerra.

"O movimento que se revivifica a delegação americana traduz neste congresso tem mais de dez anos que o de Mr. Markus Garvey, a cuja sinceridade e genialidade desejo prestar as minhas homenagens, apesar de ter sido por ele atacado, assim como a National Association for Advancement of Colored People a que pertence.

"Com o nosso movimento desejamos o desenvolvimento da massa negra, porque julgamos necessário que essa massa se organize, sem o que os dirigentes que a conduzem não poderão avançar.

"Por isso a primeira coisa que para ela reclamamos são as garantias políticas. Essas garantias não existem nem para os negros da França, nem para os da Bélgica, da Itália, de Portugal, da América ou de qualquer outro país.

"Também interessa a nossa Associação a questão da partilha das terras, segundo os termos da Justiça equitativa, pois em Londres quize-mo-nos entender com o Labour Party.

"Como sempre afirmamos, pois, é nosso propósito interessar na nossa causa os trabalhadores de todo o mundo."

O Congresso ocupa-se da situação do Haiti após a ocupação americana

Depois de Mr. Krazier, delegado da Dinamarca, Mr. Viljins Gervais, representante do Haiti, expõe em termos indignados a situação do seu país, após a ocupação americana, terminando com um protesto comovente e apresentando a seguinte moção:

"O Congresso Pan-Africano, depois de ter ouvido o delegado da União Haitiana, protesta contra a interferência dos Estados Unidos nos negócios haitianos, e também contra o sistema tirânico de opressão que, depois da ocupação, foi ali estabelecido, fazendo votos pela reintegração da República do Haiti na plena posse dos seus direitos de nação livre."

Esta moção foi aprovada por unanimidade.

Contra as más condições de trabalho

A assembleia de ontem dos pedreiros

Effectuou-se ontem a assembleia geral dos pedreiros, com larga concorrencia, para protestar contra os continuos desmoroamentos que se tem dado na cidade, resolvendo levar o seu protesto junto da imprensa, para por seu intermédio tornar publico que a classe dos pedreiros se solidariza com os individuos cujos direitos são constantemente desmoroados.

"Ao publico e a imprensa informa aquela classe que a unica causa do desmoroamento dos pedreiros é o emprego do taipal, processo perigoso para a segurança das propriedades, mas muito adoptado pelos proprietarios, que, por espirito da sua desmedida ganancia, falsificam a construção."

A Câmara Municipal, a quem compete por dever tratar do assunto evitando que se prosseguisse a má construção com o emprego do taipal, abandonando com desleixo criminoso a segurança e a vida da população, que está a mercê destes aventureiros.

Isto é um crime bárbaro, e a classe dos pedreiros não se cansará de manifestar o seu desgozo contra semelhante vergonha, apelando para a imprensa para que secunde o seu propósito de defender a população dum turbilhão de individuos que desdenhosamente põe em risco a vida de toda a gente.

O caso do chauffeur Cardoso Claro

A Associação de Classe dos Chauffeurs em Portugal, vai, em assembleia magna, occupar-se do assunto

Reuniu a comissão de chauffeurs, ultimamente nomeada para fratar da questão do camarada Manuel Lopes Cardoso Claro, porém há mais de trinta meses na Cadeia da Relação do Porto, às ordens do dr. Alfredo da Cunha, sendo apreciada a exposição feita pelo delegado que foi ao Norte, sendo resolvido levar a efeito uma assembleia magna da classe no dia 20 do corrente, na sua respectiva associação.

Uma sede para as classes gráficas

Na sede da Federação do Livro e do Jornal reunem hoje as direcções dos sindicatos gráficos para tratar da aquisição da sede sindical gráfica e de outros assuntos que só as mesmas direcções podem resolver.

Desastre com arma de fogo

Na enfermaria de Santa Joana de hospital de São José deu ontem entrada Maria Rosa, de 45 anos, casada, natural e residente em Montevideo, concelha de Sintra, que aí foi vítima de um desastre com arma de fogo, ficando ferida na perna esquerda.

Hino revolucionário

DEDICADO A
A Batalha

Música do maestro Tomás del Negro

Letra de João Black

Quedas desastrosas

Depois de operado no banco do hospital de São José pelos drs. drs. José Paes e Vasco de Lacerda deu entrada na enfermaria de São Francisco do hospital de São José, Manuel Marques Piedade, de 35 anos, natural e residente em Coimbra, que caiu da residência, fracturando o crânio.

Na enfermaria de São Francisco do mesmo hospital deu ontem entrada Francisco de Luís, de 35 anos, corticeiro, natural de Aveira, concelha de Vila Franca de Xira, residente na Vila das Vinhas, 5, que a rua da Palma deu uma queda feroz do contubo pelo corpo.

No Instituto Superior Técnico

Inaugurou-se ontem a exposição anual de desenho no Instituto Superior Técnico. A exposição abrange três salas. A primeira que é a mais vasta destina-se unicamente aos trabalhos das diferentes secções do curso geral. Na segunda sala estão expostos trabalhos de construção civil, estando também largamente representadas as secções dos trabalhos marítimos, agrícolas, hidráulicos e de caminhos de ferro. Na terceira, que sob o ponto de vista técnico era a mais importante, estavam os desenhos de várias espécies de máquinas.

A exposição foi visitada, às 13 horas, pelo Chefe de Estado e presidente do ministério.

Jovens camarada!

É necessário para a sua educação intelectual que tu leias todos os dias

A BATALHA

A BATALHA

Atitude estranha

O critério dum patrão

No Fancourt Hotel foi há tempos despedido o chefe da mesa, por não concordar com um criado pagasse a louça partida em serviço. O dono do hotel, Alexandre de Almeida, impôs-lhe a modificação da sua atitude nobilitante, ameaçando-o com o despedimento. Esse empregado não quiz abdicar da sua dignidade e preferiu abandonar o lugar que exercia. Luís Filipe da Silva prestou-se com boa vontade a ir ocupar a vaga deixada pelo colega. Este gesto comprovava as suas "expendidas" qualidades que não tardaram em evidenciar-se.

Foi o caso de ele escriturar, como lhe compete, as gratificações que os hóspedes concediam aos criados e tam bem se ter desempenhado dessa missão, que escriturava apenas 40 ou 50 % das importâncias das gorjetas e arrecadava para si o restante, não deixando, ainda, de receber a parte que lhe competia quando elas eram divididas por todos.

Algumas declarações de hóspedes, suscitadas pelas interrogações dos criados, deram como resultado a descoberta da "barra".

Um dia foi apanhado em flagrante por um agente da investigação que acidentalmente lá foi jantar. Levado o caso para o governo civil, foi arbitrada ao burlesco, uma indemnização de 2.500 escudos, por ser essa a quantia que indevidamente meta no bolso.

O sr. Alexandre de Almeida, proprietário do referido hotel, tomou então uma atitude estranha: antes de concluir a questão, deliberou pôr na rua os empregados burlescos e o chefe da mesa. E se bem o disse, melhor o fez. A esta hora encontram-se desmoroados os criados que se não deixaram roubar, sem protesto.

Extranho critério o do proprietário, emparceando no mesmo castigo o burlesco e os burlescos.

E ainda o mais curioso é o facto de ter admitido como chefe de mesa, Eduardo Ucha, que está longe de merecer a confiança dos colegas.

Factos diversos

Reuniu a comissão organizadora do Grupo de Defesa e Propaganda dos Barbeiros, conjuntamente com alguns componentes, tendo a reunião sido presidida por um dos seus membros, tendo sido discutido o programa de trabalho para o próximo anno, tendo sido resolvido que a comissão se occuparia de estudar a situação dos barbeiros em Lisboa, e de fazer a propaganda da causa dos barbeiros em geral.

Reuniu a comissão organizadora do Grupo de Defesa e Propaganda dos Barbeiros, conjuntamente com alguns componentes, tendo a reunião sido presidida por um dos seus membros, tendo sido discutido o programa de trabalho para o próximo anno, tendo sido resolvido que a comissão se occuparia de estudar a situação dos barbeiros em Lisboa, e de fazer a propaganda da causa dos barbeiros em geral.

Um cobrador pouco correcto

O Sindicato da Construção Civil de Portimão diz-nos que um individuo de nome José Lino, que era cobrador daquele organismo, tinha-se portado de modo muito incorrecto para com a sua função, tendo-se recusado a cumprir a sua obrigação, tendo sido obrigado a abandonar a função, tendo sido substituído por outro individuo.

Desportos

FUTEBOL
O Sport Lisboa e Benfica venceu o club francês Vie au Grand Air du Medoc

Como largamente noticiámos, effectuou-se, no Stadium, no domingo, o ultimo encontro em que tomou parte o Vie au Grand Air du Medoc.

Foram seus adversarios os "sonzes" do Lisboa e Benfica, que foi por largos annos o campeão de Portugal.

O grupo francês não correspondeu à expectativa, pois no seu conjunto contavam-se apenas quatro jogadores de valor, sendo os restantes de inferior categoria. O jogo que na primeira parte decorreu sem interesse, teve na segunda fase interessantes. Da parte dos franceses jogaram bem, como sempre, guardando a defesa da direita, mostrando em todos os jogos a sua superioridade, fazendo dos belos centros o avançado da direita, que não foram aproveitados pelos seus companheiros.

Os do Benfica com os seus "pinhões" intensos não mostraram a pouca educação desportiva. Para evitar de futuro estas faltas graves, apelamos para o capitão do grupo, pois não é nada prestigioso o que se passou no domingo em campo. Da parte do Benfica jogou bem o Bastos "back", que tem jogado com conhecimentos e que não secundou os feitos dos restantes colegas; a linha sem combinação e os jogadores sempre mal colocados.

As duas bolas dos franceses foram resultado de penalidades, outro tanto não acontecendo às três do Benfica que foram resultado de grandes esforços, vencendo, portanto, o Benfica por três bolas a duas.

Resumo: Dos três grupos que disputaram com os jogadores franceses, o que se apresentou mais forte foi o Império, não pelo facto de varar 6 vezes as balizas, mas porque possui elementos de grande valor. No entanto aconselhamos-lhe a que não durma sobre os louros da vitória e que se prepare para a batalha que se vai encetar, no proximo campeonato.

Jovens sindicalistas

Lêde e propagai o órgão do proletariado revolucionário Para que o nosso órgão possa viver, é preciso que lhe angustie assinantes e compradores avulsos.

Faz assinar o vosso núcleo.

Faz assinar o vosso sindicato.

Faz assinar a vossa federação.

Faz assinar a União dos Sindicatos de Trabalho do vosso concelho.

Fundão (Telhado)

Trovada e inundações

Palrou sobre esta região uma grande tempestade. Choveu torrencialmente, inundando-se os campos dum forma assustadora, havendo bastantes prejuizos materiais. Fez-se então a regular vilmas, como nas terras circunvizinhas.

Angariador de annuários

PRECISA-SE

Para tratar na administração deste jornal

FALECIMENTOS

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José faleceu ontem José Rodrigues Carvalho, de 35 anos, natural de Lisboa, casado, e residente na rua de Santa Lapa, 115 B, que há dias, na travessa do Tarfú, caiu dum obra em construção que o feriu.

FUNERAIS

Sepultaram-se no cemitério de Benfica: Manuel Francisco Russo, Maria do Carmo e Maria Assunção Borges, e no da Ajuda: Maria Virginia Vieira, Margarida Pinto da Oliveira, Gloria Correia Melo, Maria Billa de Silva, Verónica, Lúcia Marques, António dos Santos Junior, Carolina Pereira André, Lourenço Duarte, Carolina de Jesus e Jilia Almeida de Carvalho.

No cemitério dos Anjos, foram sepultados: Abilio Dias, José Pereira de Sousa, José Bernardino, Francisco Gabriel, Maria Helena Gomes Cardoso, Manuel António, Joaquim de Melo, José Manuel Esteves, Joaquim Figueiredo de Sousa, Rita Domingos, Cipriano Rosa, Joaquim Maria Pereira, Maria do Nascimento Ruyter, Ana Maria de Melo, José dos Santos, Joaquim de Melo, Joaquim Santana, e no cemitério oriental: Francisco Rodrigues, Louis Dourou, Ana de Almeida, Sousa, e no cemitério de São João: Sílvia, Sílvia Stefano Girardi, Joaquim Neves, Benedita de Jesus, Jilia das Neves, Prose, Ester Correia Cipriano e José Nunes de Lage.

A BATALHA

Encontra-se à venda em todo o país, nas tabacarias, quiosques e outros locais de venda de todas as publicações.

Nas ruas e nos combóios pegam-na aos vendedores de jornais.

Últimas notícias

A questão dos eléctricos

Reuniu ontem à noite em sessão extraordinária a vereação da câmara municipal, para tratar da questão dos eléctricos.

O sr. Joaquim Domingues, vice-presidente da Comiss^o Executiva da Câmara, expõe as razões que o levaram a requerer ao sr. presidente a convocação da sessão extraordinária e bem assim largamente expõe o que se tem passado com a questão dos eléctricos. Declara que o relatório da comissão nomeada pelo governo, constituída uma hora, para a câmara e para a sua comissão de viação, pois diz que a companhia ganhava mais de 2.450 contos. Também pôs, visto a Companhia não cumprir a alínea a) em que se abria a manter os "passes" por 3 anos, dando todo o acordo, incluindo as tarifas aumentadas, por nulo. A Companhia, porém, lá para a auditoria administrativa, que mandaria suspender a deliberação da Câmara alegando que se poderia dar dano irreparável para a Companhia.

A Câmara Municipal levava para os tribunais

O direito administrativo em Portugal, diz ainda o sr. Joaquim Domingues, está feito contra os corpos administrativos e os tribunais, pelos quais tem toda a consideração, sofrendo o direito de após 11 anos de república ainda estarem na sua maioria nas mãos dos monárquicos.

Lam-ta depois o orador o procedimento do chefe do governo com quem falara para mostrar a má fé da Companhia.

S. Ex.^a divagava, dissera coisas várias mostrando-se desinteressado da questão e não tendo sequer avisado que no dia seguinte poria 400 soldados da guarda republicana aos ordens da Companhia.

Constituição da comissão

O sr. José dos Santos, diz que o sr. Augusto Soares chegara à conclusão de que a Companhia não falar a verdade nos seus números.

A Câmara podia argumentar com o facto da Companhia não cumprir a alínea a) para lhe tirar o aumento das tarifas proveniente do referido acordo.

Dava-se, porém, o que dissera o sr. Joaquim Domingues. A Câmara não podia infelizmente ir para os tribunais pedir a suspensão da resolução da Companhia em não dar passes por haver dano irreparável e prejuizo de terceiros. As leis, diz ainda o sr. José dos Santos, precisam ser modificadas por forma a não ficarem as corporações administrativas à mercê do primeiro gatuno que as queira roubar. Termina o orador por apresentar uma proposta, largamente justificada, com as seguintes conclusões:

Constituição da comissão

1.º Conceder os mais amplos poderes e autorização ao Ex.^a Presidente da Comissão Executiva para fazer instaurar e prosseguir por intermédio do Ex.^a Advogado Sindical desta Câmara e outros advogados comerciais, administrativos e criminaes, accionistas e recursos destinados a compor a Companhia no cumprimento integral de todas as condições e condições do acordo de direito entre ela e a Câmara e aprovar em sessão de 29 de Novembro de 1920, e pagamento das indemnizações por perdas e lucros cessantes que se vierem a liquidar.

2.º Entrar numa intensa, aturada e persistente fiscalização, quer do cumprimento das condições do contrato, quer das posturas municipais e que a Companhia está sujeita sem que tal fiscalização importe abdicar do direito da Câmara, em contravirção do contrato, a fazer resolver os contratos existentes entre esta e a Companhia.

Constituição da comissão

Usa em seguida da palavra o sr. Aires Leal de Matos, manifestando plenamente o seu acordo com as palavras dos oradores que o precederam. Frisa que a Companhia tem dinheiro para fazer campanhas à Câmara e diz que era necessário que os portadores de passas coordenassem a sua attitude com a da Câmara e dá a sua aprovação à proposta.

O sr. Simões Torres diz que a Companhia deu uma prova da sua incapacidade moral, mais uma vez.

O sr. Sousa Neves, em nome da minoria socialista, declara dar também o seu apoio à proposta do sr. José dos Santos.

O sr. Joaquim Pratas diz que um dos grandes males da República tem sido o afastamento dos homens públicos do povo republicano e propõe que num grande comitê seja exposta ao povo a questão câmaris-municipal.

O sr. Edmundo de Oliveira entende que não se devem fazer insinuações exageradas à imprensa para ela publicar comunicados entrados nas suas administrações. É uma questão comercial.

Declara que a imprensa portuguesa é a mais honrada do mundo e não devia ser accusada por publicar comunicados ou anúncios, pois isso pertence à parte administrativa dos jornais. Ataca o governo Granjo pela sua attitude, dizendo que ele ofendera o publico com a tropa nos carros e a Câmara a quem nada dissera do que ia fazer. O sr. Granjo era a segunda vergastada que dava ao município. Conclui dando em nome da minoria dissidente o aplauso às propostas apresentadas.

O sr. Joaquim Domingues diz que as grandes entidades como o comércio e a industria ainda não se pronunciaram na defesa dos seus interesses, podia contudo a Câmara desde já contar com o apoio de todas as juntas de freguesia do país. Informa mais as comissões políticas do P. R. P. vho tratar do assunto e dar solidariedade à Câmara.

As propostas são por fim aprovadas por unanimidade.

Segundo disseram alguns vereadores a Câmara vai tratar do assunto em manifestos ou em jornal seu.

Constituição da comissão

Escola Preparatória de Rodrigues Samalho. As aulas desta Escola abrem na primeira quarta-feira, 12 do corrente. Os alunos deverão comparecer amanhã, terça-feira, na Escola a fim de serem inscritos e as suas filiações, indicadas das turmas que se abrem, e respectivos horários, professores, etc.

Universidade Livre. Está aberta a matrícula para os cursos livres que esta prestiosa colectividade mantém todos os annos na sua sede e aos quais concorrem inúmeras pessoas. Os cursos que se abrem e recebem desde já inscrição são: Português, Francês, Arithmetica, Escrituração Commercial, Tequigrafia e Dactylografia. Está também aberta a matrícula de contabilidade e de outras matérias de interesse publico, convidando para isso professores das varias faculdades da Universidade de Lisboa.

Escola Industrial de Foz de Areliz. Começam hoje, pelas 20 horas, os exames de admissão a esta escola, de harmonia com o que se fez no anno anterior. A concorrência é numerosa e a escola está a receber os respectivos alunos e olinhas.

Constituição da comissão

Nova Organização. — Reúne hoje a comissão executiva, no mesmo local, pelas 21 horas.

Pede-se a comperecia de todos os membros.

Grupo Libertário "O Clarão". — Reúne este grupo, tratando de varios assuntos de caracter reservado e de melhor forma de trabalho, os membros da Comissão da Liberdade da União, assim como da forma de intensificar a sua propaganda.

Constituição da comissão

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José faleceu ontem José Rodrigues Carvalho, de 35 anos, natural de Lisboa, casado, e residente na rua de Santa Lapa, 115 B, que há dias, na travessa do Tarfú, caiu dum obra em construção que o feriu.

Constituição da comissão

Sepultaram-se no cemitério de Benfica: Manuel Francisco Russo, Maria do Carmo e Maria Assunção Borges, e no da Ajuda: Maria Virginia Vieira, Margarida Pinto da Oliveira, Gloria Correia Melo, Maria Billa de Silva, Verónica, Lúcia Marques, António dos Santos Junior, Carolina Pereira André, Lourenço Duarte, Carolina de Jesus e Jilia Almeida de Carvalho.

No cemitério dos Anjos, foram sepultados: Abilio Dias, José Pereira de Sousa, José Bernardino, Francisco Gabriel, Maria Helena Gomes Cardoso, Manuel António, Joaquim de Melo, José Manuel Esteves, Joaquim Figueiredo de Sousa, Rita Domingos, Cipriano Rosa, Joaquim Maria Pereira, Maria do Nascimento Ruyter, Ana Maria de Melo, José dos Santos, Joaquim de Melo, Joaquim Santana, e no cemitério oriental: Francisco Rodrigues, Louis Dourou, Ana de Almeida, Sousa, e no cemitério de São João: Sílvia, Sílvia Stefano Girardi, Joaquim Neves, Benedita de Jesus, Jilia das Neves, Prose, Ester Correia Cipriano e José Nunes de Lage.

11-10-1921 - Folhetim de A BATALHA - N.º 2
Romance inédito por MARIO DOMINGUES

A REVOLTA DA CARNE

PRIMEIRA PARTE
Ignorância dos pais, perdição dos filhos

CAPÍTULO IV O sonho da Lili

Tens vivido na sombra e a sombra mata. Mas a seiva impetuosa que corre febril nas tuas veias azuis impelle-te para a luz enebriante da ventura, revolta o teu espírito subjugado e a tua carne algemada à convenção incoerente. Queres viver e recriar-te; queres libertar os teus braços nervosos, presos ao preconceito, para abraçar e temer quebrar as algemas; queres ceder às tentações imperiosas da vida, que desconhece o Ódigo e a censura, e temes a beleza misteriosa que te incita, que te clama: «Se viveres! Goza! Receias o amor...»

Ela — Sim, receio a vertigem...
Ele — Só temem a vertigem os fracos, os doentes, os que afinal freqüentemente a sofrem. Se a sombra em que o teu espírito tem mergulhado te socorra todas as fontes puras da verdadeira vida, não resistirás à violência da luz que da Verdade jorra. Não resistirás. Porém, és bela; os teus lábios são um beijo constante que se oferece; os teus olhos acentuam a alma; os teus

braços acolhedores abrem-se generosos e oferecem toda a beleza do teu seio virgem, todo o calor do teu peito esbeto...

Pela encosta abrupta, sobem os dois vultos enlaçados, bíblicos, salubres, e a ventura os leva...

ELA — Eu vivia na treva opaca da convenção e do Amor, como os cegos, coitados, pressentia a claridade forte da Liberdade, adivinhava-a incomparavelmente bela. Algo de ancestral, algo de irremediavelmente para esse astro luminoso e desconhecido. Hoje, mercê da tua força formidável, Amor, vou seguindo venturosa este caminho lindo, vou subindo sempre esta montanha ideal e sinto, passo a passo, que o sol escaudante que lá no alto brilha é mais forte, cada vez mais forte. Eu, pobre cega que recuperei a vista, tenho medo de cegar, tenho medo...

ELA (apressivo) — E' perigosa a cura para a cegueira de vinte séculos...
ELA (após um silêncio profundo e calmo) — Disseste-me que não viverás ainda...
ELE — Disse...
ELA — Prometeste-me a revelação grandiosa da vida verdadeira...
ELE — Prometi...
ELA (ansiosa, as narinas frementes, o seio palpitante) — Revela-me então!...
ELE (secamente, impiedosamente) — Sob o primeiro e habitua-te ao sol, que é a Verdade, a essência da vida...
ELA (inclinando resignadamente a cabeça, formosa, de bom humor) — Dize-me, Lili, dize-me se divisas agora a Igreja e o Banco, a Cadeia e o Quartel...
ELA — Não, Amor, nada se distingue. Dilui-se tudo na mesma tinta azulada e profunda. Azul, azul transparente do céu, azul luminoso que nos envolve. E' o mesmo manto azul, atraente e infinito que lá de baixo se contempla e nos seduz...
ELA — Outra alma luminosa e leve, feita de anseio, plena de graça e de alegria inebriante substituiu aquela que na treva me fazia doente e triste...
ELE — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

DE BOM HUMOR

O grande prostituto

Quando por volta das vinte e quatro horas passai, há dias, na Calçada da Estréla, ao aproximar-me do palacete em que nos tempos da «Comissão» estive instalado o juízo de instrução criminal, notei que na soleira da porta principal do referido edifício, como se pretendendo encobrir-se na sombra ou introduzir-se na cantaria, se encontrava um vulto que me parecia e era, de facto, de mulher...

A dois passos deste outro vulto, o do civico gigante naquela área, erguia-se impetuosamente no seu capote enfiado, com a bridade das cores nacionais enfiada na manga esquerda...
Sem me deter na marcha passei entre os dois vultos na altura em que o civil, um bímbo de farta bigodeira, dizia para a mulher: — Ponha-se a andar que isso aí não é azul...
A mulher levantou-se prontamente, sem dizer palavra, e reparei que era uma rapariga, quando muito de quinze a dezasseis anos, que me pareceu bonita à luz enviada de perto por uma lâmpada eléctrica...
Fiz paragem curta apertando um cigarro e vi o civil pando a retorcer o bigode com ambas as patas dianteiras, ao passo que a infeliz, com um chale pelos ombros e um lenço branco na cabeça, ia descendo a calçada...
Que grande vontade que eu tive de ser bulado ou toro naquele momento para varar o bímbo policial com um tremendo cornado no bumbundu ou de poder transformá-lo num alentejano quadrupede para desfazer aquele estéril e com duas parrelhas de coices...
Seguido o meu caminho voltei a cabeça, um pouco adiante...
O civil petrificara na imobilidade as estatuas, satisfeito de cumprir a ordem do seu chefe e a rapariga já não se envergava, lá ao longe...
Com certeza lá ali uma tragédia acontecia da polícia, como tantos milhares. Evidentemente uma criatura sem casar e ao margem por qualquer circunstância...
Entretanto já bem encaminhada pelo civil, descendo a calçada da Estréla, enraivecida depressa nos Poais de S. Bento para subir pelos Paulistas, Chiado abaixo, até ao Rossio...
Uma vez nesta praça não lhe seria difícil encontrar protector que lhe proporcionasse e casa nessa noite...
Também não lhe faltaria o «favorável» encontro de outras raparigas da sua idade que governam a vida por aqueles sítios...
Depois da creia e da protecção até a agulhalha nalgum quarto em qualquer «esperdada», outros protectores surgiram no seu caminho pelas noites subsequentes, até ao momento do choquo inevitável com a polícia sanitária que proporcione as raparigas abandonadas a parpado do livrete e dum avental de dióxido de pinho à porta dos alcôves — ao 1.º como qualquer outro, o único que a polícia sabe e pode proporcionar-lhes, mesmo porque a prostituição é uma necessidade para quem a experimenta de dentro dos meios de vida e de Estado, o grande chulo, que vive, em grande parte, à custa dessas desgraçadas e que regulamentou a sua perdição para tirar dela o maior rendimento possível...
A prostituição!...
Mas que tem isso? — Já não é mais prostituta, menos prostituta, pouco importa...
O problema não tem resolução. E' como a quadratura do círculo, a triseção do angulo e o moto continuo...
O lupanar não importa. O que importa muito, o que incomoda, o que a polícia não pode consentir são as raparigas abandonadas, as lá não perdidas, dormindo pelos portais, por não terem outro abrigo...
As prostitutas!
Sempre as houve e haverá, pelo menos em quanto houver prostituição e o Estado for o grande prostituto, e o maior deles todos...
A prostituição!
Como acabar com ela se é preciso estar constantemente a fazer remota? E a polícia é que tem esse encargo...
A sanitária e a outra que mantém a ordem e salva a moral a pelas ruas e praças...
A civica enxota o gado, a sanitária junta-o e aparelha-o...
E depois prosseguem a manutenção da ordem e na salvação da moral, ao passo que o Estado vai recebendo a queijada, o grande souteleur...
J. B.

Quando por volta das vinte e quatro horas passai, há dias, na Calçada da Estréla, ao aproximar-me do palacete em que nos tempos da «Comissão» estive instalado o juízo de instrução criminal, notei que na soleira da porta principal do referido edifício, como se pretendendo encobrir-se na sombra ou introduzir-se na cantaria, se encontrava um vulto que me parecia e era, de facto, de mulher...

A dois passos deste outro vulto, o do civico gigante naquela área, erguia-se impetuosamente no seu capote enfiado, com a bridade das cores nacionais enfiada na manga esquerda...
Sem me deter na marcha passei entre os dois vultos na altura em que o civil, um bímbo de farta bigodeira, dizia para a mulher: — Ponha-se a andar que isso aí não é azul...
A mulher levantou-se prontamente, sem dizer palavra, e reparei que era uma rapariga, quando muito de quinze a dezasseis anos, que me pareceu bonita à luz enviada de perto por uma lâmpada eléctrica...
Fiz paragem curta apertando um cigarro e vi o civil pando a retorcer o bigode com ambas as patas dianteiras, ao passo que a infeliz, com um chale pelos ombros e um lenço branco na cabeça, ia descendo a calçada...
Que grande vontade que eu tive de ser bulado ou toro naquele momento para varar o bímbo policial com um tremendo cornado no bumbundu ou de poder transformá-lo num alentejano quadrupede para desfazer aquele estéril e com duas parrelhas de coices...
Seguido o meu caminho voltei a cabeça, um pouco adiante...
O civil petrificara na imobilidade as estatuas, satisfeito de cumprir a ordem do seu chefe e a rapariga já não se envergava, lá ao longe...
Com certeza lá ali uma tragédia acontecia da polícia, como tantos milhares. Evidentemente uma criatura sem casar e ao margem por qualquer circunstância...
Entretanto já bem encaminhada pelo civil, descendo a calçada da Estréla, enraivecida depressa nos Poais de S. Bento para subir pelos Paulistas, Chiado abaixo, até ao Rossio...
Uma vez nesta praça não lhe seria difícil encontrar protector que lhe proporcionasse e casa nessa noite...
Também não lhe faltaria o «favorável» encontro de outras raparigas da sua idade que governam a vida por aqueles sítios...
Depois da creia e da protecção até a agulhalha nalgum quarto em qualquer «esperdada», outros protectores surgiram no seu caminho pelas noites subsequentes, até ao momento do choquo inevitável com a polícia sanitária que proporcione as raparigas abandonadas a parpado do livrete e dum avental de dióxido de pinho à porta dos alcôves — ao 1.º como qualquer outro, o único que a polícia sabe e pode proporcionar-lhes, mesmo porque a prostituição é uma necessidade para quem a experimenta de dentro dos meios de vida e de Estado, o grande chulo, que vive, em grande parte, à custa dessas desgraçadas e que regulamentou a sua perdição para tirar dela o maior rendimento possível...
A prostituição!...
Mas que tem isso? — Já não é mais prostituta, menos prostituta, pouco importa...
O problema não tem resolução. E' como a quadratura do círculo, a triseção do angulo e o moto continuo...
O lupanar não importa. O que importa muito, o que incomoda, o que a polícia não pode consentir são as raparigas abandonadas, as lá não perdidas, dormindo pelos portais, por não terem outro abrigo...
As prostitutas!
Sempre as houve e haverá, pelo menos em quanto houver prostituição e o Estado for o grande prostituto, e o maior deles todos...
A prostituição!
Como acabar com ela se é preciso estar constantemente a fazer remota? E a polícia é que tem esse encargo...
A sanitária e a outra que mantém a ordem e salva a moral a pelas ruas e praças...
A civica enxota o gado, a sanitária junta-o e aparelha-o...
E depois prosseguem a manutenção da ordem e na salvação da moral, ao passo que o Estado vai recebendo a queijada, o grande souteleur...
J. B.

ELA (apressivo) — E' perigosa a cura para a cegueira de vinte séculos...
ELA (após um silêncio profundo e calmo) — Disseste-me que não viverás ainda...
ELE — Disse...
ELA — Prometeste-me a revelação grandiosa da vida verdadeira...
ELE — Prometi...
ELA (ansiosa, as narinas frementes, o seio palpitante) — Revela-me então!...
ELE (secamente, impiedosamente) — Sob o primeiro e habitua-te ao sol, que é a Verdade, a essência da vida...
ELA (inclinando resignadamente a cabeça, formosa, de bom humor) — Dize-me, Lili, dize-me se divisas agora a Igreja e o Banco, a Cadeia e o Quartel...
ELA — Não, Amor, nada se distingue. Dilui-se tudo na mesma tinta azulada e profunda. Azul, azul transparente do céu, azul luminoso que nos envolve. E' o mesmo manto azul, atraente e infinito que lá de baixo se contempla e nos seduz...
ELA — Outra alma luminosa e leve, feita de anseio, plena de graça e de alegria inebriante substituiu aquela que na treva me fazia doente e triste...
ELE — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Não, Amor, nada se distingue. Dilui-se tudo na mesma tinta azulada e profunda. Azul, azul transparente do céu, azul luminoso que nos envolve. E' o mesmo manto azul, atraente e infinito que lá de baixo se contempla e nos seduz...
ELA — Outra alma luminosa e leve, feita de anseio, plena de graça e de alegria inebriante substituiu aquela que na treva me fazia doente e triste...
ELE — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

ELA — Junta os teus lábios vermelhos aos meus lábios, o teu corpo palpitante ao meu corpo. Quero revelar-te agora a verdadeira vida...
— Menina Lili!
Era a Maria, a criada de fora, que chamava Leonor pela terceira vez...

